

A identidade cultural como fator de integração. Comunicação, história, cultura e memória na hibridação da comunidade itálica no Brasil¹

Barbara Bechelloni²

Resumo

Os italianos no Brasil. A questão do outro no encontro com o estrangeiro, como o diverso de nós. Quais as características da diáspora itálica e quais as contribuições à identidade brasileira? Uma primeira hipótese de análise da presença italiana através dos diferentes níveis de integração que produziram a hibridação da cultura italiana com as muitas culturas presentes no Brasil e que contribuíram à formação do brasileiro, do Brasil e dos Brasileiros. Um país e um povo rico de diversidades, de misturas e de convivências de sucesso. Italianos portanto, também, brasileiros. Almejando trazer elementos de reflexão para o campo do conhecimento relativo à identidade, ao diálogo entre culturas, às hibridações culturais, à alteridade como abertura ao outro para desenvolver relações mais comunicativas, a uma possível interculturalidade ou mais.

Palavras-chaves

Comunicação; identidade; cultura; hibridação; diáspora itálica.

“Mas se ninguém tem coragem de arriscar, se ninguém formula hipóteses audazes e de amplo fôlego, que sentido há fazer pesquisa?”

(René Girard, (2003). *Origine della cultura e fine della storia*. Dialoghi con Pierpaolo Antonello e João Cezer de Castro Rocha. Milano: Raffaello Cortina Editori, p. 109)

“Uma palavra ilumina a minha pesquisa: compreender”.³
(Marc Bloch)

Introdução

Este trabalho faz parte e é pesquisa exploratória de um programa de pesquisa internacional. Este programa está sendo disposto com a fluência de outras instituições⁴ e pesquisadores. Pretende promover específicas atividades de cooperação internacional e de pesquisa histórico-sócio-antropológicas com o objetivo (meta) de construir e

¹ Trabalho apresentado ao NP 13 – Comunicação e cultura das minorias, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, na Sessão temática Etnicidade.

² Barbara Bechelloni é pesquisadora italiana, licenciada com distinção e louvor em Ciências da Comunicação per Universidade “La Sapienza” de Roma. Defendeu uma tese sobre o sistema das comunicações em Portugal. Está concluindo a Pós-graduação em Comunicação na ECA orientada pela Prof.ra Maria Immacolata Vassallo de Lopes – Escola de Comunicação e Artes – da Universidade de São Paulo. Colabora com as Univesidade de Roma e de Florença.

³ Todas as traduções neste trabalho foram feitas pela autora do mesmo.

⁴ Como a Universidade de Florença, o Centro Nazionale di Ricerca (CNR), o Istituto de Cultura Italiano de São Paulo, entre outros.

difundir um conhecimento de tipo generalístico (generalista), necessário para enfrentar o aumento da complexidade do mundo humano globalizado. Investir em cooperação para construir imagens mais fortes e verdadeiras para desenvolver relações mais equilibradas e de cooperação, para individuar razões de intercâmbio econômico-cultural e político mais virtuosos daquelas atualmente existentes.

1. O problema de pesquisa: dois conceitos

Todas as comunidades, também aquelas com maior enraizamento local, mantêm circuitos de viagem estruturados, que ligam os membros «em pátria» com aqueles «que estão longe dela».
(James Clifford, *Strade*, p. 315)

1.1. “Italicidade” e Diáspora

Os dois principais conceitos, inovadores e controvertidos, sobre os quais os objetivos e a justificativa desta pesquisa baseiam-se são diáspora e italicidade.

1) Porque falar de *itálicos* e não de *italianos*? Segundo Bassetti (2002)⁵ as razões não são de tipo “literário”, o seja, não foi descoberta nos livros, mas é mais de tipo existencial. Segundo as suas palavras: “nascida após uma longa experiência – em diversos papéis internacionais – de viagens pelo mundo, de encontros e contactos com comunidades, com instituições e pessoas que compartilham relações e projetualidade compartilhadas com as grandes *bussiness communities* ‘itálicas’ espalhadas pelo mundo” (Bassetti, 2002). *Itálicos* e portanto *italicidade* no sentido cultural e não étnico-lingüístico ou jurídico-institucional. Mas o conceito de *italicidade* está ainda controvertido. Há cerca de dois anos este conceito está sendo trabalhado e estudado. Nasceu no contexto de uma pesquisa internacional promovida pelo Centro de Estudos *Globus et Locus*, fundado e coordenado por Piero Bassetti. Muitos pesquisadores (filósofos e historiadores, sociólogos e antropólogos), italianos e estrangeiros estão colaborando nesta pesquisa⁶. O conceito surgiu num contexto de uma crítica radical do Estado nacional e dos danos produzidos pelo nacionalismo, de uma pesquisa em

⁵ Eminente personalidade do mundo empresarial, político e intelectual italiano; foi o primeiro Presidente da Região da Lombardia e, por muitos anos, Presidente da Câmara de Comércio de Milão, da União Italiana das Câmaras de Comércio e, enfim, da União das Câmaras de Comércio Italianas no Mundo. Fundador do Centro di Studi *Globus et Locus*, uma associação com o objetivo de analisar as relações entre global e local.

⁶ Até hoje foram organizados seminários de pesquisa nos anos de 2003 e de 2004 em Washington (maio e outubro 2003) e em Milão (junho 2004), em colaboração com o Center for the studies of culture and values da Catholic University of America, com a Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão. Vai ter o terceiro em Vilnius, Lithuania (5-7 junho 2005), *Globalization, National Identities and Polity of Life*. As atas dos primeiros dois encontro foram publicados. Um coordenado para Paolo Ianni e George F. Maclean, *The essence of Italian culture and the challenge of a global age* o outro para Piero Bassetti e Paolo Ianni, *Italic Identity in Pluralistic Context*. As atas do terceiro encontro estão sendo publicadas.

positivo, e de substância realística, para construir relações interculturais que vão na direção de considerar as diversidades, mas para fazé-las interagir entre si, com o objetivo de tornar viável uma sociedade aberta, democrática e pacífica. A *italicidade* constitui-se num conjunto de tradições e de competências construídas a partir da diáspora itálica no mundo, que consente a abertura ao outro. Tanto que seu conjunto de práticas culturais e valores não é característica só dos italianos ou dos italianos de origem. Mas também de outros cidadãos de outra cultura e nacionalidade que os compartilham porque com eles entraram em contato e experimentaram-na a eficácia, a força. Uma comunidade transnacional caracterizada para os valores e os interesses compartilhados. Todas aquelas pessoas que além do pertencimento étnico-linguístico e da cidadania se sentem *itálicos* porque apreciaram e compartilharam – através do encontro com outras pessoas, com coisas (por exemplo, os produtos *made in Italy*) e com signos (como a informação, a arte, o cinema e todos os instrumentos tecnológicos que alimentam o nosso “imaginário coletivo”) do mundo itálico – valores e interesses desta natureza (Bassetti, 2002).

A raiz histórica desta comunidade está na emigração italiana pelo mundo, mas que hoje é algo que vai além desta raiz.

2) Falar de *diáspora* itálica significa redefinir o conceito respeito à tradição que quer edificá-lo sobre dois parâmetros. O primeiro considera a diáspora como a dispersão de um povo pelo mundo, e um segundo a traduz como a expulsão de um povo do território que habitou por séculos. Definição tradicional com foco na análise da experiência judaica que se encontra também nos dicionários⁷. A dispersão não é necessariamente ou exclusivamente provocada ou imposta por uma força externa.⁸ Pode-se acrescentar que por povo entende-se também qualquer formação social distinta, caracterizada por uma identidade específica e por um difundido e comum sentimento de pertencer a um clã familiar, uma aldeia, um povo, uma etnia etc. Mas a nova definição, que aqui coloco para ser aplicada ao caso italiano (mas não somente), mantém do significado tradicional a idéia de dispersão – difusão no mundo, mas elimina a idéia de expulsão. O exemplo paradigmático originário, ao qual esta nova definição aplica-se, é constituído pelo caso do povo grego e especificamente ateniense. Os gregos

⁷ Definição do Dicionário da Língua Portuguesa Novo Aurélio: Do grego *diáspora*, “dispersão”. 1. A diáspora dos judeus, no decorrer dos séculos. 2. Disperção de povos por motivos políticos ou religiosos, em virtude de perseguição de grupos dominantes intolerantes.

⁸ Cf. Dicionário da língua italiana Zanichelli.

espalharam-se pelo Mediterrâneo constituindo colônias e assentamentos na Europa, na Ásia e na África⁹.

O termo *diáspora* não descreve o simples fato de se pertencer a uma etnia, comunidade, nação ou a diferentes estados-nações. Considerando que ela não se limita a destacar alguns pedaços do corpo da comunidade ou da nação, nem quer só redistribuir geograficamente em volta estes fragmentos de povo. Não é só o deslocamento de grandes fragmentos de uma comunidade no espaço. Não é uma migração, apesar de exigir somente uma emigração. O espalhamento da maior parte desta comunidade o povo entre muitos estados ou espaços geográficos heterogêneos. A modalidade desta dispersão está relacionada à origem da diáspora que não nasce só de procura por melhores condições de vida, mas também como consequência de uma mudança catastrófica. Somente em sua origem há um evento que repentinamente a gera. Por exemplo, a antiga ordem social e o sistema social cai, e esta queda e degeneração transforma-se numa parcial ou total erradicação daquele grupo ou do seu espaço geopolítico. Para que uma diáspora subverta uma comunidade é necessário uma catástrofe social. Uma mudança catastrófica gera uma diáspora quando esta danifica símbolos constitutivos e representações coletivas que unem um sistema social. Ou seja, quando há ameaça de desagregar não as condições materiais de existência do grupo, mas as representações de si mesmo como uma totalidade coesa: a sua identidade. Neste precário equilíbrio entre o máximo da dispersão e o máximo do sentimento do *nós*, a diáspora acaba sendo uma tentativa para manter a ligação ao grupo de origem. E a força do *nós* através do paradoxo do exílio, ou seja, de uma distância que possa garantir a persistência da memória e a infelicidade acalmante e encorajante da saudade, da dor do retorno (regresso). A diáspora, aparece, portanto como estratégia última em defesa da própria identidade, que apresenta várias dimensões. Outro elemento importante na definição de diáspora.

Aquela itálica é uma grande *diáspora* transnacional que há muitos séculos, percorre o mundo e alimenta as inteconexões e as redes. Não é a única *diáspora* que tem interessantes, peculiares e distintas identidades, e que pode portanto contribuir de forma original e significativa à construção de um mundo global mais humano e mais pacífico. É chamado, portanto, de *diáspora itálica* aquele fenômeno histórico em que a

⁹ A pesquisadora que mais tem trabalhado para formulação do conceito de *diáspora* é Donna R. Gabaccia da Universidade de Pittsburgh.

população de origem italiana espalhou-se no mundo durante o processo de migração entre 1870 e 1955.

1.2. Alguns objetivos e hipóteses

Objetivo central desta pesquisa é identificar os elementos diferenciais que viabilizaram a integração, a convivência e a hibridação. Construir uma pequena cunha do maior e mais complexo programa de pesquisa internacional, cujo objetivo de fundo é fazer confluírem diferentes e opostas tradições de pesquisa na direção de uma contribuição à construção de relações mais comunicativas e menos conflituais entre os povos. Orientadas, estas relações, na direção de uma solução pacífica e negociada dos conflitos entre os estados e as culturas, podem libertá-las dos estereótipos e das incrustações ideológicas, dos conceitos e das imagens originadas pelo nacionalismo, pelo taylorismo, pelo fordismo e pela dominante pragmática nihilístico-positivista, afirmada no mundo depois das duas trágicas guerras mundiais, da guerra fria e pelo atual e dramático conflito de civilizações que contrapõe duas oposições fundamentalistas: neo-liberal e islâmica. Entende-se como relações comunicativas a capacidade de abertura e diálogo com o outro. A capacidade de entrar em contato com o outro, com o mundo dele. Para que diferentes mundos sociais possam reconhecer-se nas recíprocas semelhanças e diversidades.

Conhecer, observar e analisar a presença italiana através dos diferentes níveis de integração que produziram a hibridação da cultura italiana com as muitas culturas presentes no Brasil e que contribuíram à formação do brasileiro, do Brasil e dos Brasileiros. Um país e um povo rico de diversidades, de misturas e de convivências de sucesso. Italianos portanto, também, brasileiros.

O objetivo é contruir certos indicadores, para serem utilizados sucessivamente, num mais profundo e extenso trabalho de equipe e de pesquisa empírica.

Uma das hipóteses iniciais é que tenha havido integração, pacífica convivência e hibridação. Outra hipótese seqüencial é que os italianos emigrados, já há muito tempo, são portadores de uma maior capacidade de relacionar-se com os outros. Portanto um exemplo de possível integração e interculturalidade a partir de alguns elementos e valores considerados itálicos.

Objetivos mais específicos são:

1) no contexto da presença italiana no Brasil, do lado brasileiro da diáspora italiana, esta pesquisa pretende testar, através de explorações empíricas, a plausibilidade da hipótese sobre a existência da *italicidade* como recurso comunicativo importante para a construção de uma sociedade aberta, livre dos preconceitos e das incrustações ideológicas depositadas entre os cidadãos e os povos pelas guerras globais, que caracterizaram o terrível século XX e os totalitarismos.

2) conduzir uma investigação bibliográfica cuidadosa, que permita um primeiro mapeamento dos trabalhos feitos, da literatura publicada em relação ao tema dos italianos no Brasil e a formação da identidade brasileira.

3) colher histórias de vida de pessoas comuns através da narrativa do cotidiano e depoimentos de pessoas estratégicas¹⁰, todos de origem italiana.

1.3. Justificativas

O tema torna-se relevante em relação ao contexto da contemporaneidade – em que os problemas de integração e convivência pacífica entre diferentes povos e etnias, culturas e religiões estão requerendo de soluções sempre mais urgentes e viáveis. Tentar procurar os elementos que permitiram outras integrações e convivências entre outros povos e culturas. Experiências positivas¹¹. Num momento tão complexo como este que estamos vivendo é importante tentar entender esta complexidade, aprendendo a se colocar perante si mesmo, como na frente dos outros, tendo os instrumentos para abrir-se, para encontrar-se com o outro na reciprocidade das próprias diferenças e semelhanças¹². Muitos são os estudiosos contemporâneos que estão, de diferentes formas, tentando trabalhar a volta de conceitos como a alteridade, a identidade, a interculturalidade, convocação, em forma mais complexa¹³.

¹⁰ Conforme a definição já colocada na Introdução.

¹¹ Entendendo as experiências de integração, de presença e convivência não conflitual. Verificável também através, por exemplos, dos dados sobre criminalidade. Todas as informações que permitem justificar a expressão “Italiani brava gente”.

¹² Considerações surgidas ao longo das muitas conversas e colóquios durante a fase de exploração do campo no início da pesquisa. Como o Consu Geral da Itália em São Paulo, o Primeiro Conselheiro da Embaixada, o Prof. Leonardo Prota etc.

¹³ Considerando as análises de: Giddens (1999a e b, 2001) na questão das mudanças em consequência da globalização, a identidade, a intimidade e as nossas vidas; Todorov (1991 e 2003) trabalha a questão do outro a partir da conquista da América e também através de uma muito profunda reflexão, do ponto de vista francês, sobre a diversidade humana; Beck (2000 e 2003) conhecido por trabalhar também com as questões ligadas à globalização, evidenciou mais do que outros a questão do risco, mas também, nestes textos a questão do cosmopolitismo como base para uma nova ordem mundial; Maffesoli (2000) trata da questão da viagem, do afastamento da própria casa como possibilidade de iniciação, sair de si mesmo para se achar, encontrar o outro, se abrir ao outro, para encontrar a si mesmo; Morin (1998,2002 e 2003), analisa o conceito de identidade, considerando-a polimorfa, o seja com mais formas. Considera as identidades sociais, históricas, planetárias e até prevendo aquelas futuras. Considerando portanto as identidades como algo de variável, mutável e plural. Bechelloni G. (2002, 2003 a e b, 2004) trabalha com

No caso específico desta pesquisa, torna-se relevante no momento em que se registra que as relações entre Itália e Brasil não são proporcionais à importância que estas objetivamente poderiam e deveriam ter na cena internacional. A quantidade de italianos, descendentes e, segundo as hipóteses colocadas, de *itálicos*, não é proporcional à consideração, à valorização e a abertura político-econômica e sócio-cultural entre os dois países. São relações pouco comunicativas no sentido que não conseguiram pôr em comunicação as verdadeiras e profundas realidades dos dois países e das duas culturas. Prevalcem os estereótipos negativos: de uma imigração italiana feita de desesperados sem pátria, exilados ou expulsos; ou um Brasil carioca, só de sexo e carnaval. Estereótipos desfavoráveis à imagem recíproca e que impedem o desenvolvimento das relações que ajudam a reconhecer o outro e a entrar em comunicação com o mundo dele, para que diferentes mundos sociais possam se reconhecer nas próprias diversidades, mas também nas próprias complementaridades e semelhanças.

Num contexto mais amplo dos estudos dos italianos no mundo, países como Estados Unidos, Canadá e Austrália tornaram-se “nós de diásporas”, lugares de convergência, contaminação, hibridação entre diferentes culturas; “todos os lugares sociais e culturais, nações e Estados, caracterizados por uma grande mistura de religiões e culturas, por processos contínuos, originais e atuais, de hibridização e contaminação” (Bechelloni G. 2004, p. 228).

Quais são, portanto as características desta diáspora? Porque o Brasil é “nó de diáspora” itálica? Como se adaptaram/integraram/misturaram estes milhões de italianos? Perguntas importantes que precisam de um estudo longo e aprofundado para serem respondidas. Hoje muitos descendentes, apesar de pouco ou nada falar italiano percebem sempre mais e sempre melhor o sentido de pertencimento e o orgulho pela comum origem italiana e a percepção da história e da cultura que os liga à Itália¹⁴.

Uma hipótese é que o Brasil, e por alguns aspectos a Itália, antecipa o possível futuro do mundo. Um mundo habitado de seres humanos – exilados e migrantes – que não são apátridas, mas filhos de várias pátrias, potencialmente “cidadãos do mundo”.

os conceitos de identidade na perspectiva da construção histórica e sociológica da construção das identidades coletivas, em particular dos italianos. A idéia de um cosmopolitismo responsável através do entendimento do outro e da utilização da comunicação; Trupia (2002) o poder de convocação como a capacidade de se abrir ao outro, Maldonado (2001 e 2004) através de uma abordagem fenomenológica hurreliana trata da identidade considerando-a, ele também, como algo que não é dado, com algo que muda através do tempo e do espaço. A condição do estrangeiro e da alteridade.

¹⁴ Consideração, resultada evidente nas entrevistas, nos depoimentos e nas histórias recolhidas na primeira fase.

Enfim, o encontro entre a diáspora itálica e a pluricultural diversidade brasileira merece ser estudado. Almejando trazer elementos de reflexão para o campo do conhecimento relativo à identidade, ao diálogo entre culturas, às hibridações culturais, à alteridade como abertura ao outro para desenvolver relações mais comunicativas, a uma possível interculturalidade ou mais.

Dentro das reflexões que realizei sobre estes assuntos, a questão dos italianos no mundo e, sobretudo no Brasil, foi conduzida sobretudo, com base numa bibliografia de caráter histórico, histórico-descritivo e sociológica, somente a partir de uma percepção negativa e miserável da imigração. Uma história de derrotados, anti-herói do cotidiano. Hoje os fluxos migratórios continuam, as rotas mudaram, às vezes inverteram-se, mas continuam existindo. Da Europa às Américas, à África, à Ásia, e destas para a Europa. Fluxos e *contra-fluxos* de pessoas e de culturas, de signos e símbolos culturais. Procurar um abordagem de análise diferente em relação à migrações, na perspectiva comunicativa torna-se necessária e útil para uma civilização global pacífica.

2. Diásporas e migrações: uma introdução histórica

A diáspora itálica tem raízes antigas nos séculos passados. Muitos grupos regionais (fiorentinos, venezianos, genoveses, sicilianos etc.), desde o período medieval saíram e se firmaram em diferentes lados no mundo. Mercadores, financiadores, artistas, artesões, arquitetos, estudiosos, homens da Igreja e exiliados políticos que levaram a Itália para fora da Itália. Contribuindo para o nascimento dos outros Estados já antes do nascimento do Estado Nacional italiano (1860). A partir das aventureiras viagens do mercante de especiarias Marco Polo, com a “descoberta da América” e o nascimento do Novo Mundo abriram-se depois as vias que deram início às grandes migrações de massa do final do Oitocento (século XIX) até metade do Novecento (século XX), aumentando constantemente a presença italiana nos hemisférios americanos. A diáspora italiana existiu, portanto, já antes da União Nacional da Itália. A partir da idéia segundo a qual na Itália existem “muitas Itálias”. Itálias das específicas memórias regionais e locais: siciliana e *salentina*, calabrés e sarda, abruza e molisana, toscana e veneziana, romagnola e lombarda etc. Todas com diferentes tradições caracterizadas por diferentes sentimentos de pertencimento fortemente enraizados nas comunidades, nas línguas e nos dialetos, na família, na religião e nas festas. Junto com estas “Itálias” caracterizadas por etnias, geografia e história, há, aquelas caracterizadas pela cultura do trabalho, com

uma extensa configuração: marinheiros, pescadores, meeiro¹⁵ e assalariados, pastores e camponeses, comerciantes e artesãos. Itálias nascidas através dos projetos e das realizações histórico-concretas: a partir das cidades etruscas, da Magna Grécia à República e ao Império de Roma, dos feudos à expansão da Igreja Católica, das Repúblicas marítimas às comuns e às *signorie*, e assim por adiante¹⁶.

O patrimônio que os italianos trouxeram para o Brasil – como para os outros países onde, a integração foi diferente por ter características sociais e culturais diversas – é constituído sobretudo, por dois tipos de capital: social e familiar. O primeiro (social) constituído pelos conhecimentos típicos de uma sociedade complexa, como já era a italiana no fim do século XIX, porém ainda parcialmente modernizada. E o segundo, o capital familiar, constituído pelo culto da *pietas*, dos valores legados aos vínculos intergeracionais e aos vínculos com os *penati*. O conjunto destes dois capitais permitiu que os italianos se pensassem, desde o início, como família-empresa¹⁷. Estes são apenas alguns dos elementos que ajudaram os italianos a se misturar, a se integrar, mantendo um dos signos distintivos da própria identidade, o mais importante na construção das bases desta pesquisa: a coexistência das diversidades e a pluralidade das culturas.

A partir do 1875 e por mais de um século, segundo o historiador Angelo Trento, mais de um milhão e meio de italianos¹⁸ chegaram aos portos brasileiros. Em 1850, o governo brasileiro deliberou o fim do tráfico de negros, que foi o primeiro passo para o fim da escravidão, decretada com a Lei Áurea¹⁹, em 13 de maio de 1888. Os italianos contribuíram com outras importantes mudanças: expansão da fronteira agrícola, a consolidação de uma economia de exportação e início da industrialização. Ajudando a passagem da monarquia à república e à tomada de poder por parte da oligarquia do café. Converte a imigração, na sua quase totalidade, para as áreas de produção do café. Os fluxos migratórios foram do tipo familiar. Aparecem nas fazendas como núcleos de trabalho no seu conjunto²⁰. Em 1871, com a Lei do Ventre Livre e a partir da iniciativa dos fazendeiros, foram facilitados os fluxos migratórios para o Brasil. Concedia-se

¹⁵ Em italiano *mezzadro*.

¹⁶ Veja-se Bechelloni (2004) *Il silenzio e il rumore – Destino e fortuna degli italcini nel mondo*, (2003) *Diventare italiani – Coltivare e comunicare la memoria collettiva*, (2003) *Diventare cittadini del mondo – Comunicazione e cosmopolitismo responsabile*.

¹⁷ Veja-se Bechelloni (2003 e 2004), Sapelli (2000), Franzina (1995) e Trento (2002).

¹⁸ Quase o a metade do total das entradas totais até a Primeira Guerra Mundial.

¹⁹ Lei da Abolição total da escravidão, assinada pela princesa Isabel, que substituíra provisoriamente o Imperador.

²⁰ Homens, mulheres e crianças trabalhavam. Cada família cuidava de um número determinado de pés de café, recebendo por cada mil pés uma certa quantia de dinheiro (Gomes de Castro, “Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade”: In *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000).

auxílio de dinheiro para compra de passagens pelos imigrantes e para sua instalação inicial no país. No decorrer do tempo, esta participação foi sendo transferida cada vez mais para os governos, provinciais e imperial, até 1889; e, posteriormente por governos estaduais e federais. Existiam duas sociedades de subvenção: a *Sociedade Central de Imigração*, surgida em 1883 no Rio de Janeiro; e em 1886, uma associação para incentivar a vinda de famílias européias para o Estado de São Paulo – *Sociedade Promotora da Imigração*. A primeira estava em oposição a um fluxo de massa de europeus, querendo uma imigração mais seletiva para garantir a formação de uma pequena e média propriedade agrícola que conseguisse erradicar o sistema latifundiário, considerado como um obstáculo para o desenvolvimento do país. A segunda foi mais expressão dos interesses dos fazendeiros paulistas do café, que queriam ao contrário, garantir um fluxo contínuo e consistente de braços para trabalhar nos cafezais. Foi esta segunda que prevaleceu, depois da Proclamação da República, em 1889. A *Sociedade Central de Imigração* foi fechada em 1891. Depois do 1894, com a transferência dos serviços de imigração do governo federal aos Estados, acaba definitivamente a colonização agrícola no Sul do Brasil. Só as regiões ricas tinham condições para sustentar a mão-de-obra estrangeira, portanto, só o Estado de São Paulo. O governo central retomará conta dos serviços, em 1907, mas nesta época a imigração italiana já começava a diminuir, apesar de que, até o fim da Segunda Guerra Mundial, continuaram a existir fluxos peninsulares. Para ter uma idéia mais clara da quantidade de italianos que entraram no Brasil, alguns dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que, entre 1884 e 1933 entraram 1.401.335 italianos²¹. Entre 1882 e 1902 as cerca do 60% dos estrangeiros que entravam eram italianos. (Trento A., 2002).

3. A percepção do outro a partir da globalização: a importância da comunicação

Estamos vivendo a época da globalização e da complexidade em que aparentemente sabemos de tudo e de todos. Os meios de comunicação tornam possível experiências antes impossíveis. Adquirir conhecimentos que antes requeriam muitos recursos agora estão ao alcance de muitos. Os confins geográficos não correspondem aos confins culturais. As identidades não existem só num território mas além dele. As comunidades

²¹ Os italianos entrados depois da Segunda Guerra Mundial, entre 1945 e 1959, foram 106.360 segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

culturais e simbólicas tornaram-se tão importantes do que as origens geográficas e cada vez mais. *Comunidades de sentimentos* (Appadurai, 1996). Os fluxos de conhecimento viajam através do mundo (Clifford, 1997). Fluxos midiáticos através das histórias televisivas e cinematográficas, através das notícias e dos formatos. Fluxos de bens materiais e simbólicos e os contínuos movimentos, coletivos ou individuais, de seres humanos. Pessoas que viajam, pessoas que migram ou que fogem, que vagam, que se afastam da própria casa (Maffesoli, 1997). Em todos os casos, pessoas que entram em contato com outras pessoas, diferentes, e com outros espaços. Um caos que pode assustar e que não é fácil de gerir, onde não é fácil viver e que torna necessária uma maior consciência de si e dos outros. Da necessidade de se entender entre diferentes²².

A globalização é, na maioria dos casos, criticada por ser percebida, ou feita perceber, só do lado econômico, sem pensá-la nos termos humanos e reflexivos²³, como a grande oportunidade de abertura ao outro, como oportunidade de conhecimento. A globalização tem origens antigas. Com o nascimento da História do Ocidente, entre os séculos VII e VIII antes de Cristo. Uma História que, muitas vezes, esquecemos, nasceu do encontro entre civilizações do Oriente com terras e povos do Ocidente (Girard, 2003). Um encontro que sai das tradições, acelera as inovações e permite uma virada “modernizadora” (Bechelloni, 2003).

A Itália antes e o Brasil hoje foram, em si, exemplos deste encontro entre civilizações. Habitadas por povos de origens diferentes em um cadinho de emigrantes e colonos. Na Itália, deu-se a origem à vida nas cidades etruscas e àquelas da Magna Grécia, onde nasce a *comunicação*. A comunicação como meio para permitir o encontro, para conectar procura e diferentes exigências, povos e culturas de antigas tradições. A partir da, e com a comunicação, formam-se e afirmam-se, na praça pública, as figuras sociais e as instituições centrais designadas à promoção e à gestão das novas comunidades. O comerciante no mercado, o filósofo nos pórticos da Academia, o cidadão/político na *agora*, mercadores, filósofos, cidadãos na arena do teatro. Os processos comunicativos realizaram-se na troca dos bens materiais e simbólicos, na reflexividade, na palavra enriquecida para as artes da retórica, do diálogo e da representação e no começo das práticas da escrita a vários níveis. Com a crescente complexidade da sociedade através do aumento exponencial de indivíduos, de

²² Em relação à questão do outro, veja-se, entre outros, Todorov, 1982 e 1989; Maffesoli, 1997; Bechelloni G., 2002, 2003 a e b e 2004.

²³ Veja-se Giddens, 1992 e 1999; Beck, Giddens e Lasch, 1995.

organizações, de grupos que estão povoando o mundo, isso levou à tona a questão das identidades e da alteridade. Conseqüentemente são criadas novas linguagens, novas formas de *identidade cultural* (Hall, 1992 e 2003) normas, valores, significados sociais, simbólicos (Canclini, 1989). O aumento das identidades, as suas mudanças, produzem *hibridizações* (Burke, 2003), encontro entre culturas, levantando um antigo problema, aquele da alteridade – do *eu* que descobre o Outro, outro ou outrem em relação a *mim* (Todorov, 1982, Maffesoli, 1997) – do outro e da sua percepção. Hoje, complexidade da sociedade a partir também da “complexificação” dos indivíduos e vice-versa (Morin). Neste novo contexto, surge mais do que nunca a importância da comunicação como possibilidade de abertura, reconhecimento e compreensão dos outros. A comunicação entendida como *recurso*, mas também como *problema*²⁴.

A comunicação tem um papel central na nossa contemporaneidade, que inclui uma pluralidade de linguagens e de tecnologias, de situações e de contextos, que fazem da comunicação a área central da ação humana, que é, antes de mais nada, uma ação comunicativa. O *homem não pode não comunicar* – como aprendemos da Escola de Palo Alto²⁵. Nós comunicamos em cada ação e em cada momento da nossa vida e em todas as formas possíveis. Podemos não saber muito bem como fazê-lo, o que comunicar e para quem, mas isso não nos impede de comunicar.

A comunicação pode ser um *recurso estratégico*, se pensarmos o desenvolvimento da comunicação – através o uso das novas linguagens e dos ambientes, das próteses ou tecnologias – como o abatimento das barreiras e a exploração das fronteiras. Isto para alargar a capacidade de inclusão, para construir novos equilíbrios entre inovação e tradição, para tornar partilhada uma concepção da cultura humana como capacidade permanente de aprender. Conseguindo modificar o ambiente, enfrentando a incerteza e promovendo as mudanças. Pensar a comunicação nestes termos significa afastar-se de uma concepção ocidental e, todavia, recusar também uma concepção relativista ou nihilista que nivela as diferenças. Apropriando-se, porém, de uma visão evolucionista que valorize a capacidade dos seres humanos de aprender, mudando a si mesmo e ao ambiente. Pensar a comunicação como ação humana para a inclusão, a recepção, construir e manter uma ordem social partilhada, ampliando sempre a quantidade de

²⁴ Estes conceitos são trabalhados e explicados por Bechelloni (2002, 2003a, 2003b e 2004).

²⁵ Mental Research Institute, California (USA). Entre grupo dos pesquisadores, Gregory Bateson, Don D. Jackson, Paul Watzlawick, Erving Goffman inspirando-se também na terapia da Gestalt de Fritz Perls. Criaram os axiomas para o quais “é impossível não comunicar” e que “a realidade é criada pela comunicação”.

significados para incluir. Sem pretender fundar a comunidade necessariamente em torno de valores comuns, mas deixando cada indivíduo e cada grupo livres de cultivar os próprios valores e as próprias verdades. A comunicação, assim entendida e pensada, torna-se *recurso estratégico* para se abrir a ouvir o diferente, o outro.

O Brasil, hoje, pode tornar-se importante centro para o desenvolvimento desta comunicação, como elemento estratégico para a convivência pacífica das culturas²⁶. Um ambiente comunicativo é um ambiente aberto às trocas, aos encontros, à reflexividade e à aceitação do outro. É o ambiente da tolerância, da cidade e da praça, da **agora** e do mercado, onde os indivíduos e os grupos, diferentes entre eles, têm interesse em trocar bens materiais e simbólicos para se enriquecer reciprocamente.

Esta concepção inverte a concepção tradicional, enraizada em muitas culturas coletivas em todos os tempos que concebe, idealiza, a comunicação como possível só entre iguais, entre membros de uma mesma comunidade onde sejam compartilhados os mesmos valores. É uma concepção da comunidade, como um conjunto parado e fechado onde o *nós* opõe-se ao *outro*, ao amigo, ao inimigo, ao cidadão estrangeiro e *bárbaro* – na acepção grega de estrangeiro. É o que leva a comunidade fechada das tradições a exercitar um pesado controle social e a expulsar ou eliminar o diferente. Comunicar é difícil e pode ser um *problema*. E esta torna-se um problema cada vez que, nas comunidades humanas, ocorrem mudanças na relação entre a população e os recursos pela sobrevivência. Mas como já disse, não podemos não comunicar. Existem diferentes problemas conexos à dificuldade de comunicar. A percepção ou a desvalorização do destinatário (tem a ver com a identidade coletiva) o do interlocutor (identidade individual) para quem comunicamos. Há uma tendência à desvalorização das linguagens, da comunicação, que para muitos significa, dizer, falar, usando a linguagem alfabética, talvez mexer-se, mostrar-se. Mas quando se fala que “não podemos não comunicar” (Watzlawick e alii 2004, Bechelloni 2002), entende-se que os seres humanos utilizam uma pluralidade de linguagens da comunicação: aquela do corpo com as suas imagens, posturas, sorrisos, gestos, silêncios, símbolos, imagens interiorizadas. Linguagens pouco estudadas, mas que todos os seres humanos utilizam a cada minuto da própria vida. Esta incapacidade em valorizar os interlocutores, e até desvalorizá-los, é consequência de posturas autoritárias e fechadas, que têm raízes profundas na história

26 Como sugiu nas conversas com o Console Geral da Itália, o Prof. Leonardo Prota e outros.

das comunidades humanas que têm que explorar, para aprender a conviver com os nossos limites.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, B. (1996) [1991]. *Comunità immaginate*. Origini e fortuna dei nazionalismi. Roma: Manifestolibri.
- APPADURAI A. (2001) [1996]. *Modernità in Polvere*. Roma: Meltemi.
- BASSETTI P. (2002). *Italicità: Global and Social*. Seminar on Italian and Italia American Cultures, Washington, 8-9-10 aprile 2002.
- _____ (2001). *Globali e locali!* Timori e speranze della seconda modernità, Milano: Giampiero Casagrande Editore.
- BAUMAN, Z. (2002). *La società individualizzata – Come cambia la nostra esperienza*. Bologna: il Mulino.
- BECHELLONI, B. (2001-2002). *Identità portoghese e comunicazione*, Vol. 1. Tesi di laurea della Facoltà di Scienze della comunicazione dell'Università "La Sapienza" di Roma.
- _____ (2001-2002). *Verso una società della comunicazione?*, Vol. 2. Tesi di laurea della Facoltà di Scienze della comunicazione dell'Università "La Sapienza" di Roma.
- _____ (2005) *As relações comunicativas entre Portugal, Brasil e Itália: In*
- BECHELLONI G. (2004). *Il silenzio e il rumore*. Destino e fortuna degli italici nel mondo, Roma-Firenze: Mediascape Edizioni.
- _____ (2003a). *Diventare italiani*. Coltivare e comunicare la memoria collettiva. Napoli: Ipermedium libri.
- _____ (2003b). *Diventare cittadini del mondo*. Comunicazione e cosmopolitismo responsabile. Roma-Firenze: Mediascape Edizioni.
- _____ (2002). *Svolta comunicativa – Sette lezioni*. Napoli: Ipermedium Libri.
- BECHELLONI G. e LOPES DE VASSALLO, M.I. (2002). *Dal controllo alla condivisione. Studi brasiliani e italiani sulla comunicazione*, Roma-Firenze: Mediascape Edizioni.
- BECK, U. (2000). *Il manifesto cosmopolitico*. Roma: Asterios.
- _____ (2003). *La società cosmopolita – Prospettive dell'epoca postnazionale*. Bologna: il Mulino.
- BECKER, H.S. (1999) [1992]. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Hucitec, (4ª ed.).
- BLOCH, M. (2002). *Apologia da história*. Ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (1ª ed. 1993).
- BRAUDEL, F. (1990) *História e ciências sociais*. Lisboa: Editorial Presença. (6ª ed.).
- BUONANNO, M. e LOPES DE VASSALLO, M.I. (2000). *Comunicação no Plural. Estudos de Comunicação no Brasil e na Itália*, EDUC/INTERCOM, São Paulo.
- BURKE, P. (2003). *Hibridismo cultural*, São Leopoldo RS: Editora Unisinos.
- CANCLINI, N.G. (2003) [1989]. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP.
- CLIFFORD, J. (2002) [1994]. *A Experiência etnográfica – antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- _____ (1999) [1997]. *Strade*. Torino: Bollati Boringhieri.
- FREYRE, G. (2003) [1933] *Casa Grande e Senzala – Formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*, São Paulo: Global, (47ª ed.).
- _____ (2003) [1936]. *Sobrados e mucambos – Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*, São Paulo: Global, (14ª ed.).
- _____ (2003) [1959]. *Ordem e progresso – Processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da monarquia para a república*. São Paulo: Global, (6ª ed.).

- _____ (2001) [1947]. *Interpretação do Brasil – Aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas*. São Paulo: Companhia Das Letras.
- GIDDENS, A. (1999a) [1991]. *La trasformazione dell'intimità*. Bologna: il Mulino.
- _____ (1999b) [1991]. *Identità e società moderna*. Napoli: Ipermedium.
- _____ (2001) [1999]. *Il mondo che cambia – Come la globalizzazione ridisegna le nostre vite*. Bologna: il Mulino.
- GIRARD R. (2003). *Origine della cultura e fine della storia*. Dialoghi con Pierpaolo Antonello e João Cezar de Castro Rocha, Milano: Raffaello Cortina Editore.
- HALL, S. (2003), *Da diáspora – Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.
- _____ (1997) [1992]. *Identidade e cultura na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- HOLANDA, S. BUARQUE (2004) [1936]. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LE GOFF, J. (2003). *História e memória*. Campinas: UNICAMP (1ª ed. 1924).
- LIMA, E. P. (2004) [1993]. *Páginas Ampliadas – O livro-reportagem como estensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole (3ª ed.).
- _____ (1998). “Da Escrita Total à Consciência Planetária”. In: *Creatividade e Novas metodologias*. São Paulo: Editora Fundação Petrópolis.
- LOPES, M. I. V. (2001) [1990]. *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Loyola, (6ª ed.).
- MAFFESOLI, M. (2000) [1997]. *Del nomadismo*. Per uma sociologia dell'erranza. Milano: Franco Angeli.
- MALDONATO, M. (2001). *A subversão do ser – Identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação*. Petrópolis: Editora Fundação Petrópolis.
- _____ (2004). *Raízes Errantes*. São Paulo: SESC SP e Editora 34.
- MEDINA, C. (2003). *A arte de tecer o presente – Narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus Editorial.
- _____ (2002). *Entrevista*. O diálogo possível. São Paulo: Editora Ática (4ª ed.).
- MORIN, M. (2003) [1982]. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____ (2003). *Éduquer pour l'ère planétaire* Paris: Balland.
- _____ (2002) [2001]. *Il Metodo 5 – L'identità umana*. Milano: Raffaello Cortina.
- PECCHINENDA G. (1999). *Dell'identità*. Napoli: Ipermedium libri.
- PERUZZO KROHLING, C. M. e PINHO, B. J. (Org.) (2001). *Comunicação e multiculturalismo*. São Paulo/Manaus: INTERCOM.
- PRADO, P. (2001). *Retrato do Brasil*. São Paulo: Companhia Das Letras.
- SANTOS, B. DE SOUSA (2003) [1995]. *Pela Mão de alice – O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez Editora, (9ª ed.).
- _____ (2000)) [1989]. *Introdução a uma ciência pós moderna*. Rio de Janeiro: Graal (3ª ed.).
- RIBEIRO, D. (2004) [1995]. *O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TODOROV, T. (1982). *La conquête de l'Amérique. La question de l'autre*. Paris: Éditions du Seuil. (*A conquista da América. A questão do outro*, São Paulo: Mertins Fontes, 2003)
- _____ (1989). *Nous et les autres. La réflexion française sue la diversité humaine*. Paris: Éditions du Seuil. (*Noi e gli altri. La riflessione francese sulla diversità umana*. Torino: Einaudi, 1991).
- TRUPIA, P. (2002). *Potere di convocazione – Manuale per una comunicazione efficace*, Napoli: Liguori.
- WATZLAWICK, P., BEAVIN HELMICK, J. e JACKSON, D.D. (2004) [1967]. *Pragmática da comunicação humana – um estudo dos padrões, patolgogias e paradoxos da interação*. São Paulo: Editora Cultrix.